

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Vamireh Chacon

REPERCUSSÕES DA REVOLUÇÃO  
BRASILEIRA DE 1817 NOS ESTADOS  
UNIDOS E FRANÇA

CHACON, Vamireh  
REPERCUSSÕES DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA DE 1817  
NOS ESTADOS UNIDOS E FRANÇA  
R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 182(486): 337-350, mai./ago. 2021

Rio de Janeiro  
mai/ago. 2021

## II – COMUNICAÇÕES NOTIFICATIONS

### REPERCUSSÕES DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA DE 1817 NOS ESTADOS UNIDOS E FRANÇA

### REPERCUSSIONS OF THE BRAZILIAN REVOLUTION OF 1817 IN THE UNITED STATES AND FRANCE

VAMIREH CHACON<sup>1</sup>

**Resumo:**

A Revolução Republicana de 1817 de Pernambuco ao Nordeste do Brasil atraiu a atenção dos escritores franceses Chateaubriand e Stendhal e de Richard Rush, Secretário de Estado do Presidente James Madison. Até Napoleão se interessou pela América Latina.

**Palavras-chave:** Brasil; Pernambuco; Revolução de 1817; Escritores franceses; Napoleão Bonaparte.

**Abstract:**

*The Republican Revolution of 1817 in Pernambuco and its adjacent captaincies in the Northeast drew the attention of the French writers Chateaubriand and Stendhal, and of Richard Rush, who served as President James Madison's Secretary of State. Even Napoleon became interested in Latin America.*

**Keywords:** Brazil; Pernambuco; Revolution of 1817; French writers; President Madison; Napoleon.

As tentativas de negociação do reconhecimento diplomático pelos Estados Unidos da Revolução Brasileira de 1817, das origens pernambucanas e nordestinas às suas pretensões nacionais e internacionais, são mais conhecidas desde a *História da Revolução de Pernambuco de 1817* por direto testemunho de Muniz Tavares, acrescida por outras pesquisas e comentários de Oliveira Lima. O também historiador e diplomata Gonçalo Mello Mourão ampliou e aprofundou esse estudo. O conjunto de documentação originária impresso compõe os *Autos do Processo para Julgamento dos Rebeldes de Pernambuco, Participantes da Rebelião de 1817*, comentados por José Honório Rodrigues. O seu dia a dia está documentado por Pereira da Costa nos seus *Anais Pernambucanos*.

1 – Doutor pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor honoris causa pela Universidade de Erlangen-Nuremberg na Alemanha. Sócio correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Sócio emérito do IHGB. Professor emérito da Universidade de Brasília. Email: vamirehchacon@gmail.com.

Merecendo reconhecimentos são as repercussões francesas da tentativa de libertar Napoleão do seu exílio na atlântica ilha Santa Helena, entre a África e o Brasil, na Revolução de 1817, ecoando nos escritores franceses Chateaubriand e Stendhal.

Chateaubriand, nas suas *Memórias de Além-Túmulo* (*Mémoires d'outre-tombe*), publicadas em 1849 e 1850, menciona “um coronel Latapie, à cabeça de um bando de aventureiros americanos, meditava um desembarque em Santa Helena”, referindo-se à tentativa do grupo do coronel Latapie, conde Pontécoulant, ordenança Artong e soldado Roulet vindos dos Estados Unidos pelo Recife, na Insurreição de 1817, rumo ao confinamento atlântico de Napoleão prisioneiro na ilha Santa Helena entre a África e o Brasil.

A expressão “um bando de aventureiros americanos” confirma o conhecimento da procedência do grupo, assim denominado pela fidelidade legitimista de Chateaubriand aos Bourbons, portanto contra a Revolução Francesa e Napoleão Bonaparte.

Em oposta perspectiva é o registro do bonapartista Stendhal no seu *Diário* (*Journal*) datado de 1817, escrito antes de Chateaubriand, porém publicado parcialmente em 1937, por inteiro e completo na edição *Pléiade* de 1955, portanto desconhecido por ele.

Stendhal, eurocêntrico nas linhas da sua época, algumas vezes faz digressões sobre outros continentes, porém no caso do Brasil chega a ser surpreendente ao anotar no dia 1 de junho de 1817 em Paris no seu *Diário* (*Journal*) “a insurreição admirável do Brasil, quase a maior coisa que possa acontecer”. Na realidade a Revolução Brasileira de 1817, iniciada em 6 de março deste ano no Recife, alastrada às vizinhas Paraíba e Rio Grande do Norte, tinha sido detida no Ceará e na Bahia quando tentava ir além, rumo ao Norte e Sul do Brasil. Durara em torno de dois meses e meio e terminara pela armada repressão com tropas enviadas de Salvador pelo último vice-rei português no Brasil, então governador da Bahia, Conde dos Arcos, a mando de Dom João VI, antes da data registra-

da por Stendhal. Diferença explicável pela lentidão das informações entre continentes através da navegação marítima.

Em seguida Stendhal no mesmo dia acrescenta: “1. A liberdade é como a peste. Enquanto não for lançado ao mar o último pestilento, nada se fez. 2. O único remédio contra a liberdade, são as concessões. Mas é preciso empregar o remédio em tempo: vide Luís XVIII. Não há *lords* nem brumas no Brasil”. Em francês a palavra “*brouillard*” significa também esboço de texto, além de brumas. Stendhal referia-se às perdidas oportunidades de reconciliação entre bonapartistas, recentes derrotados, e os adeptos dos Bourbons retornando do exílio imposto desde a Revolução Francesa, revanchistas quando da restauração por Luís XVIII.

Também muito sintomático é o anterior registro de Stendhal em 7 de fevereiro do mesmo ano no seu *Diário (Journal)*, portanto antes do irrompimento da Revolução de 6 de março: “Ot[is] me diz, [em] Nápoles no [7] de fevereiro [de 1817]: Breve haverá uma impressora [gráfica] na América meridional em proveito dos liberais europeus. Não se fazem sedições com escritos vendidos após oito meses que tenham sido compostos. Esta grande instituição será pois sem inconvenientes”, portanto oportunas aos revolucionários sediciosos.

#### Quem era Otis?

Era o estadunidense George Alexander (Stendhal escreve este nome no francês, *Alexandre*) Otis, no pessoal testemunho de Stendhal: “americano muito amável e muito doce, cheio de bem-viver” (“*savoir-vivre*”, sentido raro), “mora em Boston. Procurá-lo na viagem à América”. O que denota o projeto de Stendhal ir aos Estados Unidos, nunca realizado.

Em anotação de 4 de abril ainda em 1817, portanto também antes do irrompimento da Revolução de 1817 no Brasil: “Eu acreditava que a América [do Norte = Estados Unidos] nos faria justiça da Inglaterra. Mas eles [norte-americanos = estadunidenses] amam demasiado o dinheiro e raciocinam demasiado friamente para fazer a guerra por cólera”.

Em primeiro lugar, uma afirmação: Stendhal escritor, e não um político, era bonapartista convicto e de coração, tinha vários contactos diretos com militares e diplomatas, como se vê no seu *Diário (Journal)*, e sabia da venda da colônia francesa da Luisiana aos Estados Unidos na esperança de Napoleão assim atrair a aliança americana contra a Inglaterra, então inimiga da França. Em segundo lugar, uma interrogação: sabia Stendhal, através de alguma ligação, talvez maçônica ou bonapartista ou ambas, que os conspiradores, logo revolucionários de Pernambuco, planejavam enviar o emissário Cabugá para encontrar-se com o Secretário de Estado (Ministro das Relações Exteriores) dos Estados Unidos, Richard Rush?

Richard Rush era interino Secretário de Estado nada mais nada menos que do Presidente James Monroe, que veio a ser o autor da Doutrina Monroe contra intervenções extracontinentais, portanto potencial aliado de rebeliões independentistas nas Américas contra colonizadores europeus. A eles foi enviado em 1817, pelos insurrectos pernambucanos, Antônio Gonçalves da Cruz, dito Cabugá ou Cruz Cabugá.

Cabugá – no testemunho pessoal de Muniz Tavares, um dos poucos sobreviventes entre os diretos participantes da Revolução de 1817, por isso autor da primeira *História da Revolução de Pernambuco de 1817* – Cabugá era dos ricos comerciantes exportadores-importadores da nascente burguesia do Recife: “Este pernambucano tinha viajado na Europa, e possuía considerável fortuna; a sua casa era o receptáculo dos brasileiros mais conspícuos atraídos pela sua afabilidade, e maneira livre de pensar”. Ele, e seus companheiros de grandes empresários a outros tantos proprietários rurais formados por universidades europeias além da de Coimbra, podiam ter contactos pessoais diretos inclusive com Hipólito José da Costa, moderado autor do primeiro jornal brasileiro impresso em Londres, o *Correio Braziliense*. Mesmo assim não aceito pelo então governo de Portugal.

Os brasileiros, mesmo sem conhecerem seu contemporâneo francês Stendhal, chegavam às mesmas conclusões dele sobre os estadunidenses no testemunho de Muniz Tavares, merecedor de reprodução na íntegra:

Pernambuco iludia-se, quando na combinação dos seus planos contava com o apoio decisivo daqueles governos, que professavam máximas liberais, principalmente o dos Estados Unidos da América do Norte. Não gastaria “dinheiros públicos” no apoio aos revolucionários anticolonialistas, nem os reconheceria oficialmente, porém os apresentava a empresários privados e cidadãos estadunidenses dispostos a participar das suas revoluções.

Foi o que aconteceu com Cabugá.

Confirmando a previsão de Muniz Tavares, o Secretário de Estado Richard Rush, Ministro das Relações Exteriores do Presidente James Monroe, recebeu-o em pessoa, encaminhando-o a empresários dispostos a vender-lhe armamentos, para isto Cabugá trouxe consideráveis dólares, e a cidadãos estadunidenses e estrangeiros residentes nos Estados Unidos dispostos a participarem da empreitada. Lembremos que a primeira representação diplomática dos Estados Unidos no Brasil foi a do seu consulado no Recife, como ele próprio ainda hoje assim se reconhece. Seu primeiro Cônsul era James Ray, ativo participante direto da conspiração revolucionária em Pernambuco e articulador da recepção de Cabugá por Richard Rush.

O Cônsul da Grã-Bretanha também no Recife, John Lampriere, chegou mesmo a apresentar solidariedade, solicitando reconhecimento britânico ao governo revolucionário de 1817, sendo demitido pelo governo britânico quando derrotada a rebelião, no relato testemunho de Muniz Tavares, *História da Revolução de Pernambuco de 1817*, comentada pelo historiador e diplomata brasileiro Oliveira Lima. Lembre-se ainda a presença de culto comerciante inglês residente em Pernambuco, Henry Koster, autor do livro *Viagens no Brasil (Travels in Brazil)*.

O que não deve surpreender, pois o Recife era desde muito tempo o porto oceânico de Olinda, então capital do rico Pernambuco açucareiro

no Nordeste, que na dominação holandesa projetara o açúcar, de remédio comprado em farmácia, a produto de consumo mundial em massa. A quantidade e qualidade de europeus de várias procedências em Olinda estão documentadas desde a *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil (Denúncias e Confissões de Pernambuco. 1593-1595)*, comentadas por José Antônio Gonsalves de Mello, após as da Bahia em 1591.

Foi o açúcar que atraiu os holandeses ao Nordeste do Brasil pela sua Companhia das Índias Ocidentais. Na Holanda, com a oficial denominação Países Baixos, estavam as refinarias açucareiras, daí a importância da conquista da fonte desta matéria-prima.

José Antônio Gonsalves de Mello apresenta a vida social do Nordeste brasileiro holandês no seu *Tempo dos Flamengos*. Pereira da Costa pormenoriza este período até no dia a dia, entre outros dos seus *Anais Pernambucanos*.

Cabugá vindo do Recife foi a Filadélfia, onde, após a derrocada da Revolução de 1817, chegou também por conexões maçônicas a Abreu e Lima, filho do cognominado Padre Roma, fuzilado na sua presença, ao desembarcar em Salvador na busca da adesão da Bahia rumo a estender-se ao Sul mais populoso no Brasil.

Lembremos a quantidade e qualidade de pernambucanos comerciantes maçônicos. Articulando suas exportações e importações com outros tantos maçons na Europa e Estados Unidos. Ao longo do texto de Muniz Tavares vamos detectando estas conexões.

Cabugá, além da compra de armamentos e munições, conseguiu atrair quatro bonapartistas franceses para combaterem na Revolução de 1817, como eles próprios se apresentam: o conde Pontécoulant, o coronel Latapie, o ordenança Artong e o soldado Roulet, como se vê nos *Autos do Processo para Julgamento dos Rebeldes de Pernambuco, Participantes da Rebelião de 1817*.

Ao chegarem, a Revolução já tinha sido reprimida e logo foram presos. Antes deles já estava no Recife o também francês Louis-François de Tollenare, industrial na França e comerciante no Brasil, que de volta ao seu país escreveu *Notas Dominicais tomadas durante uma Viagem a Portugal e ao Brasil em 1816, 1817 e 1818*, comentadas pelo historiador francês Léon Bourdon, professor na Sorbonne. Tollenare assistiu surpreso os eventos revolucionários e com objetividade os relatou. Antibonapartista, conservador aristocrático, adepto da dinastia dos Bourbons, guilhotinados na Revolução Francesa ou exilados, não foi procurado no Brasil pelos conspiradores, porém viu e escreveu sobre os líderes da Revolução de 1817.

Pouco antes, em 1815, Napoleão vencido pela segunda e última vez na batalha de Waterloo, entregou-se prisioneiro aos britânicos, seus principais vencedores, que o colocaram em vigiada prisão domiciliar na isolada ilha equatorial defronte da África, Santa Helena, onde veio a falecer protestando sempre contra o tratamento recebido. O *Memorial de Santa Helena*, ditado por ele ao Conde de Las Cases, entre os poucos civis e generais que voluntariamente o acompanharam, descreve suas queixas e recordações mais políticas e épicas que sentimentais. Outro tanto Gourgaud, Montholon e Bertrand. Diante deles Napoleão nunca se referiu às incursões bonapartistas nas Américas.

Napoleão só retornou à França após falecido e sepultado, com todas monumentais honras, no Palácio dos Inválidos às margens do Sena em Paris.

Napoleão nada diz sobre os projetos para libertá-lo. Tinha motivos para o silêncio. Descobertos, ele e cúmplices, seriam evidentemente ainda mais duramente punidos pelos seus vigilantes britânicos.

No Brasil o historiador J. A. (José Augusto) Ferreira da Costa, não confundi-lo com o mais conhecido F. A. (Francisco Augusto) Pereira da Costa, escreveu artigo sobre as andanças brasileiras dos conspiradores franceses bonapartistas Pontécoulant, Latapie, Artong e Roulet no volume

X em 1903 da *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. Depois, póstumo, ainda Pereira da Costa em 1958, no volume 7 dos seus *Anais Pernambucanos*, descreveu com muitos pormenores essa aventura, falhada, porém extraordinária.

Outros pesquisadores também se dedicaram ao tema.

O que aqui em seguida nos interessa é articular estas pesquisas com as do historiador argentino Emilio Ocampo no seu livro *La Última Campaña del Emperador Napoleón (Napoleón y la Independencia de América)*.

Seus pontos de partida foram as documentadas comunicações dos historiadores Analola Borges (“El Plan Bonaparte y sus Repercusiones en los Documentos Anglo-Españoles”) e Olivier Baulny (“Napoléon et les Projets d’Ataque du Brésil”), respectivamente publicadas em forma de artigos nos anais do *Cuarto Congreso de História de América*, tomo VII, Buenos Aires, 1966 e na *Revue de l’Institut Napoléon*, número 118, Paris, 1971.

O Cônsul britânico no Rio de Janeiro enviou, em fins de 1817 ao Lord Castlereagh, então Secretário (Ministro) das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, um relatório “secreto e confidencial” no qual dizia:

Há algumas semanas quatro passageiros [referia-se a Pontécoulant, Latapie, Artong e Raulet] desembarcaram de um bergantim perto de Pernambuco. [...]. Ao serem interrogados, reconheceram terem vindo da América do Norte e que seu objetivo era unir-se ao exército rebelde. [...]. Crendo que estavam envolvidos na conspiração de Pernambuco do que davam a entender e com a esperança de descobrir alguns segredos a respeito, o governador [colonial português de Pernambuco] considerou valioso que [o coronel] Latapie [chefe militar do grupo ao lado do Conde de Pontécoulant, chefe político] confessasse e prometeu-lhe liberdade e livre passagem aos Estados Unidos, se divulgasse o verdadeiro motivo da sua vinda a Pernambuco [...]. Ele admitiu que seu objetivo era ajudar os rebeldes a estabelecerem sua independência e que ele pensara que poderia obter o comando das suas tropas [...] com a esperança de estabelecer um lugar independente ao sul da fron-

teira [dos Estados Unidos], donde subsequentemente pudesse levar a cabo com maior exército seu plano ulterior, nada mais nada menos que a libertação do general Bonaparte da ilha de Santa Helena.

Pouco antes, começos de 1817, acrescentam as pesquisas por Emilio Ocampo, chegara a Buenos Aires o General Michel Breyer do exército de Napoleão, quando ele já estava derrotado e exilado na ilha de Santa Helena. O principal libertador argentino, San Martín, não o aceitou e o expulsara do seu exército. O que não fez Breyer desistir. Ele insistiu em permanecer na Argentina e tornou-se amigo do prócer Alvear, outro dos líderes da independência argentina.

Napoleão dele disse: “Breyer é um homem extraordinário”. Permanecera ao seu lado até às vésperas da derrota final em Waterloo. Antes Napoleão o fizera conde do império e comandante da Guarda Nacional em Lyon. Napoleão disse, ao despedir-se do seu irmão José Bonaparte: “Eu me estabalecerei nos Estados Unidos [...]. Em pouco tempo reunirei os restos do império [...]. Meus antigos veteranos encontrarão um asilo ao meu lado”.

Foram palavras de despedida repetidas a Armand de Caulaincourt, general, embaixador nobilitado como duque por Napoleão, reproduzidas por Charlotte de Sot no segundo volume das memórias dele por ela coligidas, *Lembranças do Duque de Vincenza (Souvenirs du Duc de Vicence)*, publicadas em Paris, 1837, também na bibliografia de Emilio Ocampo em *La Última Campaña del Emperador (Napoleón y la Independência de América)*.

Jean-Paul Bertaud, professor na Sorbonne, não entra em pormenores no geral panorama de Napoleão, enfim derrotado e acossado em Paris a caminho do exílio, porém lembra, no seu livro *A Abdicação (L'Abdication)*, os últimos três dias dele ainda no poder, traduzido ao português e publicado no Brasil sob o título *A Queda de Napoleão*. Recorda as palavras, por ele então ditas e depois reproduzidas pelo Conde de Las Cases no *Memorial de Santa Helena*: “Antes que se passe um ano, os acontecimentos da França e da Europa haverão de reagrupar a seu redor

[de Napoleão] milhões de indivíduos, em sua maioria dispendo de propriedades, talento e instrução”.

Enquanto isto, ainda no *Memorial de Santa Helena* anotado por Las Cases, Napoleão acreditava passar despercebido nos Estados Unidos, enquanto prepararia seu retorno: “Lá é possível percorrer mil quilômetros e ser igual a todo mundo em qualquer lugar. Qualquer um pode perder-se na multidão como bem lhe aprouver, sem nenhum inconveniente, com seus costumes, sua língua e sua religião”. Donde Napoleão acreditava ser possível retornar triunfante, sem então revelar aos seus acompanhantes em Santa Helena as conexões.

Entre seus últimos encontros a caminho do exílio em Santa Helena, Napoleão despediu-se também do seu irmão José fugindo aos Estados Unidos, para onde irá depois outro irmão, Luciano. Este tinha sido dos conspiradores mais importantes na presidência do Conselho dos Quinhentos, último Parlamento da Revolução Francesa já esgotada, para levar Napoleão ao poder no golpe de Estado do 18 de brumário (9 de novembro ainda no calendário revolucionário) de 1799, término do século dezoito, começo de outra época. Aquele outro irmão tinha sido por ele nomeado rei da Espanha, quando participou de várias conspirações instigando movimentos independentistas na América Hispânica, paralelos aos locais movimentos libertadores de Bolívar, San Martín, Sucre e O’Higgins, conforme Emilio Ocampo demonstra em *La Última Campaña del Emperador (Napoleón y la Independencia de América)*.

Napoleão tentara atrair os Estados Unidos, recém-independentes, para aliança com a França, que, desde o reinado dos Bourbons, ajudara com tropas comandadas por Lafayette na guerra de independência contra a Inglaterra, Reino Unido da Grã-Bretanha. Para isso Napoleão vendeu a Luisiana aos Estados Unidos na presidência Jefferson, quando a Luisiana era vasto território francês às margens do rio Mississipi que corta mais ou menos pela metade o território americano desde o mar no Golfo do México até o Canadá ao norte. E na presidência de Madison, Napoleão começara a negociar a venda também da Flórida aos Estados

Unidos, quando a Espanha, então dona desse território, estava ocupada militarmente por tropas francesas mantendo José Bonaparte no trono espanhol. A deposição dele do trono, pelas tropas britânicas sob o comando de Wellington, impediu o término da negociação.

No *Memorial de Santa Helena*, Napoleão confessa especial admiração pelos Estados Unidos. Por fim lamenta não ter ali se asilado.

As movimentações conspiratórias de José Bonaparte no exílio nos Estados Unidos chegaram ao conhecimento do conde Hyde de Neuville, Embaixador da França de Luís XVIII nos Estados Unidos após a derrota napoleônica em Waterloo, a quem relatou as preparações.

Na linha da Doutrina Monroe do seu presidente, o Secretário de Estado Richard Rush concordava com os independentismos da América Latina Luso-Hispânica, portanto também o brasileiro de 1817, conforme confirmou ao emissário pernambucano Cruz Cabugá, porém era contra intervenções estrangeiras, neste caso a francesa bonapartista mesmo no exílio, para apoiá-los, portanto as ignorava pelo menos oficialmente.

Gourgaud, Montholon e Bertrand estão, além de Las Cases, recolhendo diálogos com Napoleão no exílio na distante ilha tropical de Santa Helena defronte da África, depois publicados em outros tantos livros, com suas respostas indiretas sobre opiniões da América. Ainda sintomático tinha sido antes o convite de Napoleão ao próprio embaixador dos Estados Unidos na França, Joel Barlow, para um encontro impedido pela fracassada campanha na Rússia, que não lhe deu mais ânimo para projetos oceânicos, conforme Barlow em relatório ao então Presidente Madison.

A América do Norte (Estados Unidos e Canadá), Caribe e Haiti, e América do Sul (México, Argentina e Venezuela) estavam sempre no horizonte de Napoleão no poder e mesmo no exílio, antes com propósitos explícitos, depois com significativos silêncios nos seus depoimentos aos companheiros de exílio na ilha atlântica de Santa Helena.

Quando da libertação de Caracas por Bolívar em 1813, Napoleão, ainda no poder, prometeu direta ajuda militar ao emissário venezuelano Palacio Fajardo. Mesmo no seu primeiro exílio na ilha de Elba, Napoleão reconhecia, nada mais nada menos a um visitante inglês, que tinha (ou tivera) “um grande projeto” para o México. Emilio Ocampo pormenoriza, com documentos no seu livro *La Última Campaña del Emperador (Napoleón y la independencia de América)*, estas e outras movimentações napoleônicas na América Latina, também dita Ibero-América luso-hispânica.

Napoleão, no *Memorial de Santa Helena* ditado a Les Cases, recorda o “desastre” da batalha naval de Trafalgar impedindo-o de projeções oceânicas do seu poder: “eu não podia estar em toda parte” “eu não sou um deus”. Ele preferiu concentrar seus disponíveis recursos em melhorar seus exércitos, numa geopolítica terrestre decretando o bloqueio contra o comércio britânico na Europa, respondendo ao bloqueio marítimo decretado pelo governo britânico contra a França. Os mares terminaram derrotando as terras.

Por mais crítico que Napoleão fosse contra as limitações mentais dos seus irmãos, muito fez por eles, colocando-os em tronos e enriquecendo-os, deles recebendo fidelidade. José e Luciano, no exílio nos Estados Unidos, são sempre mencionados nas pesquisas sobre conspirações para libertá-lo do exílio em Santa Helena.

Na realidade Napoleão deixará de ser o principal dos generais defensores da Revolução Francesa, um Robespierre a cavalo na definição mais realista que irônica por madame de Staël, entre seus maiores diretos adversários, mesmo assim indiretos admiradores. Napoleão transformara-se no máximo defensor da lei e da ordem, por ele criadas para defesa da sua ampla e profunda reforma fortalecedora do Estado francês, dentro e fora das suas fronteiras. Suas realizadas ajudas, diretas ou indiretas aos Estados Unidos e nunca concluídas na América do Sul, visavam ele próprio as confessa, ampliar mercados para a França por ele chefiada.

Assim também enfraquecendo a economia e a política da sua maior rival britânica.

Pode parecer estranho também o silêncio de Napoleão quanto aos enviados por José e/ou Luciano Bonaparte a Pernambuco, mas ele sabia que muitos dos ventos do Atlântico Sul sopravam da África à América do Sul, portanto também de Santa Helena ao Brasil, conforme Las Cases registra no seu *Memorial*, logo quando da sua chegada ao último exílio.

Então em Paris, como sabia Stendhal destas e de outras movimentações? Ele nunca esteve nem na América do Norte, nem na América do Sul, porém tinha amigo nos Estados Unidos, o referido Alexander Otis.

Stendhal não costumava conspirar, mas esteve diretamente nas guerras ao lado de Napoleão tanto por convicção, quanto por interesse de início como voluntário militar, depois funcionário civil encarregado de participar da administração de territórios ocupados pelos exércitos napoleônicos. Seu entusiasmo chegou a levá-lo a escrever a biografia *Vida de Napoleão (Vie de Napoléon)*, na qual concorda mais que discorda da epopeia vivida, sempre vívida nas suas recordações mesmo do ficcionista de *A Cartuxa de Parma (La Chartreuse de Parma)*, onde evoca tanto diretas quanto indiretas recordações napoleônicas na França, Itália e Europa em geral. Registradas no seu *Diário (Journal)*. Stendhal publicou segunda biografia de Napoleão, renovando e reforçando a sua admiração.

Jornais também da França publicavam notícias sobre a Revolução Brasileira de 1817. Qualquer que fosse o seu grau de informação, Stendhal muito se interessou pela possível criação de jornais pró-franceses na América do Sul, como se vê em sua anotação no dia 7 de fevereiro de 1817, antes de eclodir o movimento revolucionário de Pernambuco detido no Nordeste do Brasil, e com ele vibrou de entusiasmo, “insurreição admirável” (“*insurrection admirable*”), ao dela saber, em 1 de junho do mesmo ano, pouco depois de ela ser reprimida, como se vê no seu *Diário (Journal)*.

Prossegue a busca de mais documentos sobre as tentativas bonapartistas de influenciar os movimentos independentistas do Brasil, Argentina, Venezuela e México, além dos já publicados *Autos do Processo para Julgamento dos Rebeldes de Pernambuco, Participantes da Rebelião de 1817*, e do pessoal testemunho de Muniz Tavares na sua *História da Revolução de Pernambuco de 1817*. Ainda existe o que pesquisar nos jornais europeus e americanos da época e em Washington/DC nos relatórios do Secretário de Estado, Richard Rush, e de James Ray, Cônsul dos Estados Unidos no Recife. Também nas fontes primárias portuguesas, espanholas, francesas, britânicas, argentinas, venezuelanas e mexicanas nos arquivos nacionais e nos dos respectivos ministérios das Relações Exteriores, além do publicado em jornais daquele tempo em Lisboa, Madrid, Paris, Londres, Buenos Aires, Cidade do México e outros locais.

Texto apresentado em março de 2021. Aprovado para publicação em maio de 2021.